

A RELAÇÃO ENTRE ESPAÇO, SOCIEDADE E ARQUITETURA NA AVENIDA RAUL LOPES: UM NOVO OLHAR

Alisson Dias Gomes¹
Ana Caroline Ribeiro dos Santos Machado²
Dhara Letticia Oliveira Cabral³

RESUMO: O presente artigo analisa a relação entre espaço, sociedade e arquitetura a partir do estudo da Avenida Raul Lopes, em Teresina, Piauí, evidenciando como a configuração urbana reflete e influencia dinâmicas sociais, culturais e econômicas. Discutindo aspectos como identidade urbana, sentido de lugar, paisagismo e acessibilidade, a avenida é apresentada como um espaço urbano vivo, multifuncional e em constante transformação, que expressa valores históricos e atuais da cidade. O estudo reforça ainda a importância do planejamento urbano inclusivo e sustentável para a promoção da qualidade de vida e da coesão social.

Palavras-Chave: Avenida Raul Lopes. Arquitetura e Urbanismo. Território. Paisagismo e Acessibilidade.

ABSTRACT: This article analyzes the relationship between space, society and architecture based on a study of Raul Lopes Avenue in Teresina, Piauí, highlighting how the urban configuration reflects and influences social, cultural and economic dynamics. Discussing aspects such as urban identity, sense of place, landscaping and accessibility, the avenue is presented as a living, multifunctional and constantly changing urban space that expresses historical and current values of the city. The study also reinforces the importance of inclusive and sustainable urban planning for promoting quality of life and social cohesion.

185

Keywords: Raul Lopes Avenue. Architecture and Urbanism. Territory. Landscaping and Accessibility.

I. INTRODUÇÃO

A arquitetura exerce um papel determinante na configuração socioespacial, manifestando os valores culturais, sociais e econômicos inerentes a cada período histórico. O ambiente construído impacta diretamente os padrões de ocupação, interação e desenvolvimento humano, ao mesmo tempo em que é continuamente ressignificado pelos próprios usuários, estabelecendo uma dinâmica de interdependência. Nesse sentido, a compreensão da relação

¹Doutor, Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA.

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Santo Agostinho – UNIFSA.

entre espaço, sociedade e arquitetura torna-se essencial para a concepção de ambientes que respondam às demandas humanas e promovam a qualidade de vida.

Desde as primeiras civilizações urbanas, os ambientes construídos refletiam não apenas as necessidades funcionais das comunidades, mas também seus valores culturais, sociais e simbólicos, expressando-se em estilos arquitetônicos distintos e carregados de significado. Templos majestosos, palácios imponentes e até mesmo as mais simples habitações revelavam a hierarquia social, as crenças religiosas e as aspirações da época. A disposição espacial dos edifícios, a orientação em relação aos pontos cardinais, a escolha de materiais e técnicas construtivas, tudo contribuía para a construção de uma identidade coletiva e para a expressão de poder.

Através da arquitetura, as sociedades moldavam seus espaços de convivência, criando lugares que promoviam identidade, pertencimento e desenvolvimento coletivo, influenciando diretamente o comportamento social e a interação humana (Navarrete, 1998). A localização estratégica de praças públicas, por exemplo, servia como palco para eventos sociais e políticos, fomentando a participação cívica e a construção de laços comunitários. Já a disposição das ruas e vielas influenciava os fluxos de pessoas e mercadorias, impactando diretamente a dinâmica econômica e social da cidade. Com o crescimento exponencial das cidades, a partir da Revolução Industrial, por exemplo, a arquitetura e o urbanismo passaram a exercer influência decisiva na organização espacial, na articulação da vida cotidiana e na coesão social, ou na sua fragmentação, como destacam Leitão e Lacerda (2016).

A crescente densidade populacional exigiu novas soluções para habitação, saneamento e infraestrutura, levando ao surgimento de novos estilos arquitetônicos e à implementação de políticas urbanas que, muitas vezes, refletiam as desigualdades sociais e as disputas pelo espaço.

O desenvolvimento de novas tecnologias construtivas, o uso de novos materiais e a influência de movimentos artísticos e filosóficos contribuíram para a diversificação dos estilos arquitetônicos e para a criação de ambientes urbanos cada vez mais complexos e heterogêneos. A análise da arquitetura e do urbanismo, portanto, oferece uma lente privilegiada para compreender a complexa interação entre as sociedades e seus ambientes construídos, revelando as transformações sociais, econômicas e culturais ao longo da história.

Essa relação intrínseca entre espaço e sociedade também se revela no conceito de "sentido de lugar", que articula aspectos físicos, simbólicos e afetivos no reconhecimento de

determinados espaços como significativos para uma comunidade. Norberg-Schulz (1979) introduz o conceito de *Genius Loci* para descrever essa essência dos lugares, enquanto Kevin Lynch (1960) destaca a importância de elementos urbanos como marcos, vias e limites na construção da imagem e da orientação espacial dos indivíduos nas cidades. Assim, a arquitetura torna-se responsável por fortalecer laços identitários e emocionais por meio do desenho urbano.

Neste contexto, a Avenida Raul Lopes, em Teresina (PI), é um exemplo representativo de como os espaços urbanos podem ser reconfigurados para atender às transformações sociais e urbanas, ganhando novos significados com o passar do tempo. Tal fenômeno reforça a ideia de François Ascher (2001), ao tratar da cidade contemporânea como uma “metápolis”, marcada pela fluidez, pelo movimento e pela constante reinvenção de seus territórios. Dessa forma, compreender o papel da arquitetura nas dinâmicas urbanas é essencial para analisar como os espaços públicos podem se tornar instrumentos vivos de construção social e de expressão cultural.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

O presente estudo foi produzido a partir de uma abordagem qualitativa, sendo as pesquisas bibliográficas e de campo as principais estratégias utilizadas.

187

Neste contexto, ressalta-se que a pesquisa bibliográfica se consistiu na revisão de materiais previamente publicados nos formatos de livros, artigos científicos e teses. Além disso, se levou em conta a planta baixa e o estudo de impacto ambiental sobre a avenida, que embasam os principais conceitos do tema.

A seleção das fontes seguiu o critério de rigor acadêmico e relevância, garantindo a construção de um referencial teórico embasado.

Além da apuração bibliográfica, também foi realizada uma pesquisa em campo, fundamentada na observação direta do objeto em estudo. Essa etapa teve como objetivo coletar dados *in loco*, permitindo um maior entendimento do impacto gerado pelo espaço estudado. Com esse fim, foi-se utilizado o estudo de observação sistemática, pelo qual foram observados e registrados pontos importantes e característicos da avenida.

A coleta de dados foi complementada por registros fotográficos autorais ou de fontes de informação confiável, os quais contribuem para a análise e interpretação visual das informações

obtidas. Dessa maneira, a metodologia empregada integrou múltiplas técnicas de levantamento de dados, possibilitando uma investigação mais abrangente.

3. MARCO TEÓRICO

Desde as primeiras cidades começaram a surgir práticas de construção e organização social tendo a arquitetura como força presente de transformação e aprimoramento das necessidades humanas.

Através dela as comunidades moldavam seus ambientes, criando não apenas abrigos, mas espaços que refletiam suas culturas, necessidades e aspirações. À medida que essas primeiras cidades cresciam, a arquitetura evoluía, desempenhando um papel central na organização do espaço urbano, na promoção da coesão social e na facilitação das atividades do cotidiano da população.

Na contemporaneidade, o papel da arquitetura nas cidades é ainda mais significativo. Dada a complexidade dos novos e incessantes desafios urbanos, ela precisa funcionar em múltiplas frentes: no combate às questões ambientais, no estímulo à inclusão social, na promoção do desenvolvimento sustentável, entre outras.

A globalização e a modernização das cidades trouxeram desafios para a identidade cultural e para a qualidade de vida nos espaços urbanos. A arquitetura não se limita à estética, ainda que também contribua para o alcance de tal finalidade. Ela busca soluções que melhorem a qualidade de vida, respeitem o meio ambiente e criem espaços que inspirem e aproximem as comunidades.

Neste contexto, a figura do arquiteto e urbanista assume uma importância primordial no desenvolvimento urbano e, consequentemente, na vida das pessoas. Além de possuir um profundo entendimento técnico e criativo, é ele quem precisa ser um planejador urbano, um ecologista comprometido e socialmente consciente, cujo trabalho supera a criação de edifícios para influenciar de maneira abrangente a organização das metrópoles.

Com isso, compreender a relação entre os espaços e arquitetura e urbanismo é fundamental para entendermos como as cidades se desenvolveram e evoluíram durante a história, como bem pontua Leitão e Lacerda (2016). Dessa forma, a relação entre a geografia e a arquitetura também é vista, pois ambas compartilham do mesmo objeto de estudo, o “espaço”, que é essa construção social, onde se desenrolam relações econômicas, culturais e políticas

Com o passar dos anos, testemunhamos como a arquitetura não apenas reflete, mas também molda o caráter social, econômico e cultural das sociedades urbanas. Navarrete (1998) destaca que a arquitetura é um reflexo da cultura de cada período histórico, atuando como suporte físico para a sociedade.

A arquitetura desempenha um papel crucial na formação da identidade de uma comunidade e no fortalecimento do sentido de lugar. De acordo com Navarrete (1998), edifícios, espaços urbanos, avenidas e ruas são, diretamente, afetados pela cultura, a história e os valores locais não apenas enriquecendo o tecido urbano, mas também fortalecendo o vínculo emocional das pessoas com seus ambientes.

Portanto, a arquitetura tem o poder de influenciar profundamente o tecido social de uma comunidade. Edifícios e espaços públicos projetados com atenção às necessidades dos usuários podem promover a inclusão social, melhorar a qualidade de vida e incentivar a coesão comunitária.

Esta influência se manifesta de várias maneiras, desde o planejamento de espaços públicos que fomentam a interação social até a criação de habitações acessíveis que atendem às necessidades da população.

Por exemplo, projetos arquitetônicos que priorizam espaços abertos e acessíveis, facilitam interações sociais e fortalecem os laços entre os cidadãos, gerando um impacto social positivo substancial. Outro exemplo válido a ser dado recai em vias (ruas e avenidas) que são abraçadas pela população e ganham vida “própria” indo muito além de conexões.

Neste contexto, vale pontuar ainda que a arquitetura tem um papel vital na luta contra a segregação urbana, criando ambientes que encorajam a mistura social e econômica (Navarrete, 1998; Leitão e Lacerda, 2016).

3.1 Fomentando a identidade e o sentido de um lugar

A arquitetura desempenha um papel crucial na formação da identidade de uma comunidade e no fortalecimento do sentido de lugar. O conceito de *Genius Loci*, introduzido por Christian Norberg-Schulz, descreve como os aspectos físicos e simbólicos de um espaço contribuem para a construção dessa identidade, promovendo um ambiente que dialogue com a cultura e a história local.

Além disso, Kevin Lynch, em *A Imagem da Cidade* (1960), destacou a importância dos marcos urbanos, caminhos e referências visuais na construção do pertencimento e na forma como os indivíduos se orientam no espaço urbano.

Na Avenida Raul Lopes, em Teresina, a transformação do espaço ao longo do tempo ilustra esse processo. A expansão da infraestrutura viária, a introdução de espaços de lazer e a busca por maior acessibilidade demonstram como a arquitetura e o urbanismo se adaptam às necessidades contemporâneas da população. Essas mudanças não apenas modificam a paisagem urbana, mas também influenciam a forma como os cidadãos se relacionam com o ambiente construído.

Exemplos semelhantes podem ser encontrados em diversas partes do Brasil e do mundo, como na cidade de Ouro Preto, em Minas Gerais, a preservação do patrimônio histórico reforça a identidade cultural, enquanto projetos modernos, assim como também a revitalização do Porto Maravilha no Rio de Janeiro, equilibram inovação e memória urbana.

Mais do que a estética, a identidade de um espaço é moldada pela participação social e pelo uso coletivo dos lugares. Ao incorporar elementos de design que celebram a herança local e ao envolver a comunidade no processo de planejamento, os arquitetos e urbanista podem criar espaços que estabelecem conexões significativas com os moradores. Fortalecendo o orgulho e o cuidado com o ambiente compartilhado, garantindo que o espaço alterado não seja apenas um elemento físico, mas também um reflexo das experiências e histórias daqueles que a vivenciam.

190

3.2 Avenida Raul Lopes: um instrumento urbano vivo e pujante

As avenidas são importantes vias urbanas das cidades, tendo entre diversas características o fato de serem constituídas por duas vias, de forma a permitir grande circulação de veículos e pessoas em diversos horários do dia e da noite. Tendem a ser largas e extensas, além de serem cuidadas e monitoradas com frequência, sendo que o critério normalmente utilizado para nomear uma via como avenida ou rua é sua importância relativa.

Nesse sentido, é comum que a cada tempo e “movimento” da cidade, as avenidas ganhem ou percam importância a depender do uso, manutenção e, até mesmo, da valorização social. Segundo François Ascher (2001), as cidades contemporâneas são marcadas pelo conceito de “metápolis”, caracterizando-se pela fluidez e transformação constante de seus espaços urbanos.

Logo, as avenidas não são apenas vias de circulação, mas também refletem as mudanças sociais e econômicas das cidades, perdendo ou ganhando relevância ao longo do tempo.

Um exemplo disso é a Avenida Frei Serafim (AFS), que nos primórdios da cidade teve grande importância na organização do espaço urbano, funcionando como eixo central do desenvolvimento. Muito semelhante ao que hoje representa a Avenida Raul Lopes, a Frei Serafim desempenhou um papel crucial na estruturação da cidade e na criação de novas centralidades urbanas.

Partindo da Igreja São Benedito até a Ponte Juscelino Kubitschek, a AFS foi criada com o intuito de facilitar o transporte de materiais durante a construção da igreja, ligando o Alto da Jurubeba até as margens do Rio Poti.

Figura 1 — Avenida Frei Serafim.



191

Fonte: Portalodia.com

Inicialmente, a estrada era rudimentar e apropriada para o tráfego de carroças, transporte comum na época da cidade e com capacidade para resolver as demandas existentes. Além disso, ela se notabilizou como um dos marcos da segregação urbana de Teresina, vindo a dividi-la em área antiga (ou desvalorizada) e área nobre.

A existência dessa nova avenida trouxe para aquela região uma nova concentração populacional, o local onde antes se estabeleceram fazendas, chácaras e residências simples, agora passava a ser o foco migratório de pessoas abastadas e influentes, a denominada Zona Nobre. Os mais carentes foram transportados para as margens do Rio Poti, até então tidas como a periferia da cidade.

Não tardou a diretoria municipal idealizar reformas para a modernização da avenida, a fim de utilizá-la como uma espécie de cartão postal da cidade. Foi assim que ela ganhou o

importante canteiro central, dotado de paisagismo projetado para ajudar no conforto térmico e iluminação pública, além de ser ponto de encontro dos residentes próximos.

A construção da Ponte Juscelino Kubitschek foi o maior estímulo para outra mudança no eixo urbano da cidade, cada vez mais para o leste, transformando a Avenida Frei Serafim em mais uma ferramenta urbana de tráfego, ocupada por prédios comerciais. Essa mudança foi também responsável por introduzir no cenário teresinense mais avenidas importantes, como Avenida Marechal Castelo Branco, Avenida João XXIII e a Avenida Raul Lopes, objeto de estudo deste artigo.

A avenida, nomeada em homenagem ao criador do primeiro supermercado de Teresina, é hoje um dos principais espaços urbanos de Teresina, sendo amplamente utilizada não só para o tráfego de automóveis como também para lazer, práticas esportivas e eventos sociais.

Em seu livro “Morte e vida de grandes cidades”, Jane Jacobs argumenta que ruas vibrantes e bem utilizadas são essenciais para a vida urbana, pois promovem encontros sociais, segurança e vitalidade econômica. Nessa perspectiva, a Avenida Raul Lopes se destaca como um exemplo de espaço urbano vivo e multifuncional, servindo e fornecendo ferramentas para uma vida urbana dinâmica.

Para melhor visualização e estudo, nesta descrição e análise, a Avenida Raul Lopes foi dividida em três trechos de uso.

192

O primeiro trecho configura seu espaço inicial da rotatória central da Universidade Federal do Piauí (UFPI) até a Avenida Universitária. Nesse segmento a avenida apresenta duas vias, cada uma com duas faixas, responsáveis por facilitar acesso dos estudantes e da população aos locais importantes como: Residências Universitárias, Complexo Esportivo de Badminton, Setor Esportivo da UFPI, supermercados e parques.

Ao longo desse trecho a avenida conta com três rotatórias. A primeira se encontra dentro da UFPI, próxima à entrada com o letreiro da instituição. A segunda situa-se próxima às residências universitárias e ao setor esportivo, ponto em que a via passa a ter três faixas. Por fim, a terceira rotatória marca a interseção da Av. Universitária com a Av. Raul Lopes. Faz-se importante também ressaltar que nessa rotatória, anteriormente, havia três monumentos, restando atualmente somente a Escultura do Bandeirante Domingo Jorge Velho.

Figura 2 – Primeiro Trecho da Avenida.



Fonte: Autoria própria.

O segundo trecho compreende da rotatória com a escultura dos bandeirantes até a rotatória que une a Avenida Raul Lopes a Avenida Jóquei Clube. Nesse ponto, mesmo contendo três faixas em cada uma de suas vias, devido à presença da ciclofaixa em seu lado oeste e o uso informal de uma das faixas do lado leste como estacionamento, a avenida continua tendo, na prática apenas duas faixas para o trânsito de carros e motos.

O trecho caracteriza-se como o mais utilizado pela população, tanto por pedestres, quanto por automóveis. E o grande diferencial está no fato de que, desde 2011, uma de suas vias é fechada para o tráfego de veículos nas tardes de domingo, promovendo um espaço seguro e amplo para a realização de atividades recreativas, esportivas e de lazer, além de favorecer o comércio informal com barracas ao longo de todo o calçadão.

Seguindo o mesmo raciocínio, outro motivo para o destaque desse trecho é a oferta de entretenimento para os cidadãos, além de conter o acesso para o mirante de um dos maiores pontos turísticos da cidade, a Ponte Estaiada Mestre Isidoro França. Além disso, conta também com a presença de diversos complexos esportivos como, academias de crossfit, quadras de areia, clubes de corrida, entre outros.

Figura 3 – Segundo Trecho da Avenida



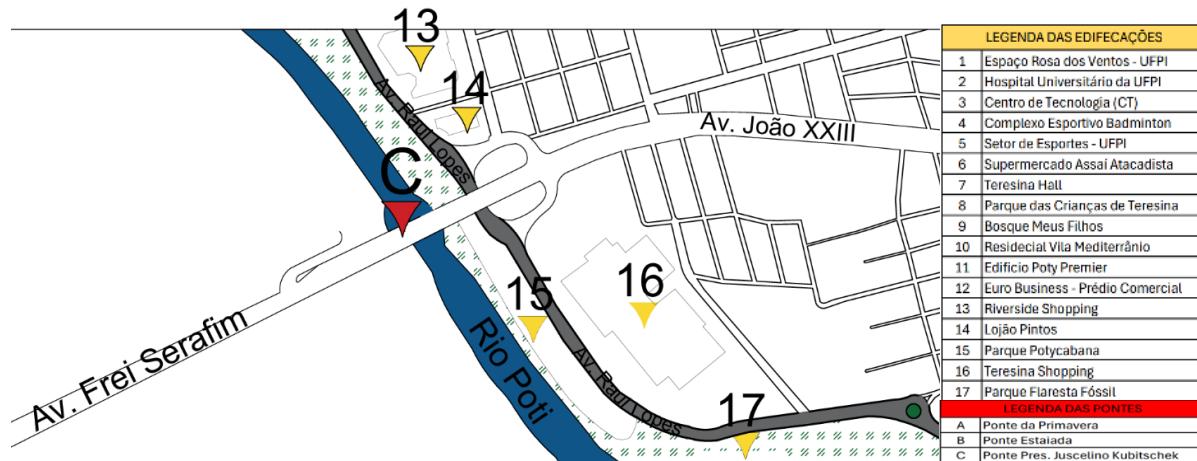
Fonte: Autoria própria.

O terceiro trecho se inicia no Riverside Shopping estendendo-se até a rotatória final da avenida. De maneira oposta ao segundo segmento, essa parte da avenida não é conhecida por ser um espaço de lazer, mas sim por conter importantes edificações comerciais como o shopping citado, o Teresina Shopping e o Shopping das flores, um conjunto de boxes voltados para a venda de flores e plantas ornamentais.

O trecho conta também com a presença dos quiosques, estabelecimento que entre os anos de 1995 e 2008 eram bastante movimentados, embora na atualidade muitos estejam desativados e necessitando de reformas. Mais adiante, em paralelo com o Teresina Shopping encontra-se o parque de lazer ao ar livre, Potycabana, já visto como um importante ponto de entretenimento da cidade.

O parque Floresta Fóssil vem logo em seguida, área de relevante valor ambiental, porém quase nunca visitado pela população devido à falta de infraestrutura, que por sua vez geraria interesse, segurança e valorização.

Figura 4 – Terceiro Trecho da Avenida



Fonte: Autoria própria.

3.3 O paisagismo e suas contribuições que vão além da estética

Em todos os três trechos da avenida é visível a presença da vegetação, seja ela nativa ou plantada. Assim, voltamos um olhar atento para o paisagismo, que desempenha um papel fundamental na restauração do equilíbrio físico e psicológico dos indivíduos, ao proporcionar um ambiente mais harmonioso e regulado.

Além disso, contribui significativamente para a diminuição da poluição sonora e atmosférica, promovendo benefícios ambientais e sociais.

Os espaços verdes, como jardins e áreas vegetadas em centros urbanos, exercem um papel essencial na dinâmica social, incentivam a interação entre os cidadãos e fortalecem o senso de comunidade. No caso em estudo, isso é visto, principalmente, no segundo trecho, que é fechado aos domingos para que o público possa desfrutar ainda mais dos espaços e possibilidades que a avenida em estudo proporciona.

A relação entre arquitetura e paisagismo é essencial para a criação de espaços urbanos sustentáveis e harmoniosos. Ana Luiza Nobre (2010) discute como o paisagismo influencia a conformação das cidades e a relação entre espaços construídos e elementos naturais. Para ela, a integração entre natureza e urbanização é fundamental para garantir a qualidade de vida nas cidades.

Ademais, esses espaços podem assumir caráter turístico (Ponte Estaiada Mestre Isidoro França), agregando valor ao ambiente urbano e promovendo um modelo de desenvolvimento que prioriza a qualidade de vida, o turismo sustentável e a valorização dos recursos naturais.

Na Av. Raul Lopes, a presença do Rio Poti e das áreas verdes adjacentes é um fator determinante na experiência urbana. O paisagismo não apenas embeleza a região, como também desempenha funções ecológicas e sociais, promovendo conforto ambiental e lazer para a população.

Em toda a extensão da avenida há área marginal de preservação permanente, pois, são fundamentais para sustentação do solo naquela região, além de desacelerar o assoreamento do rio, que, devido à baixa manutenção e desague de esgotos e lixos em seu leito, vem sofrendo uma drástica transformação ao longo dos anos.

Nessa área marginal encontram-se abrigos para répteis, ponto de pouso de aves, além de contar com a mata ciliar e secundária, como mangueiras, cajueiros, angico branco, entre outras espécies encontradas; algumas estão lá desde o prolongamento, outras foram recém-plantadas, mas todas influenciam no microclima da região.

No Quadro 1 apresentamos as espécies mais comuns na área, com a indicação das identificações, tanto em termo popular como também científico, a fim de que possamos identificar e caracterizar melhor o objeto em estudo. Para tanto, levamos em conta o Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental da Avenida Raul Lopes e as inúmeras visitas feitas ao local para estudo e análise de dados de relevância para esta investigação.

Quadro 1: Espécies nativas e cultivadas comumente encontradas na Mata Ciliar do Rio Poti, na área de influência da avenida Raul Lopes.

196

NOME COMUM	NOME CIENTÍFICO
Acácia Amarela	<i>Vachellia farnesiana</i>
Amendoeira	<i>Terminalia catappa</i>
Angico Branco	<i>Anadenanthera peregrina</i>
Cajazeira	<i>Spondias mombin L.</i>
Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i>
Cansanção	<i>Jatropha vitifolia</i>
Carnaúba	<i>Copernicia prunifera</i>
Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i>
Mangueira	<i>Mangifera indica</i>
Melão de São Caetano	<i>Momordica charantia</i>
Oiticica	<i>Licania rigida</i>
Tamarindeiro	<i>Tamarindus indica</i>
Ipê-amarelo	<i>Handroanthus albus</i>

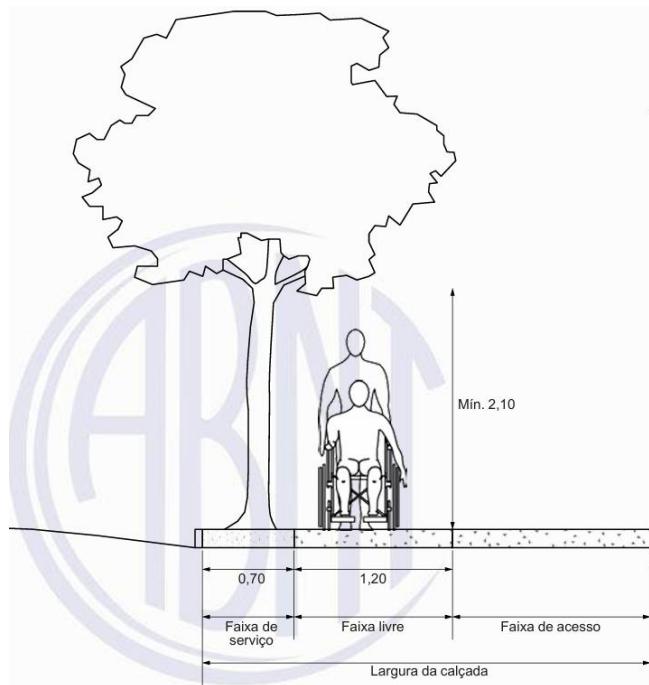
Fonte: Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto Ambiental. Prolongamento da Avenida Raul Lopes (1999).

3.4 Acessibilidade: um direito de todos!

A Norma Brasileira 9050 estabelece uma série de requisitos para garantir a acessibilidade em espaços urbanos e edificações, destacando, entre eles: a regulamentação de calçadas, acessos e os aparelhos fundamentais para inclusão de pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida.

Esta NBr serve como principal referência para as análises de acessibilidade a seguir. Neste contexto, a norma prevê que as calçadas devem possuir uma faixa livre com no mínimo 1,20m destinada a circulação de pessoas. Além de contar com um piso estável, regular e antiderrapante, que apresente piso tátil em uma cor destacada, facilitando a orientação de pessoas com alguma deficiência visual. É também uma exigência a presença de rampas de acesso, possuindo uma inclinação máxima de 8,33%.

Figura 3 — Faixas de Uso.



Fonte: NBR 9050.

No primeiro trecho a presença de acessibilidade é praticamente inexistente. Embora haja uma faixa livre de 1,20 no lado direito da via, o espaço é invadido pela vegetação rasteira presente, criando trepidações nos blocos de concreto que pavimentam o passeio. No lado oposto, a faixa é frequentemente obstruída por postes de iluminação, placas de sinalização e até lixeiras, comprometendo ainda mais a acessibilidade.

As rampas de acesso são escassas ao longo desse segmento e as poucas existentes não atendem as necessidades de locomoção de uma pessoa deficiente. Dentre os poucos lugares com a presença de rampas, a maior parte encontra-se em frente às Residências Estudantis, onde também se localiza a primeira e única faixa de pedestre do trecho.

Após a segunda rotatória, a presença de calçadas é a ainda mais limitada, restringindo-se a apenas um dos lados da avenida, evidenciando que, embora a via conte com alguns setores da UFPI, suas condições priorizam a circulação de veículos acima dos pedestres.

Figura 4 — Diagnóstico Urbano: acessibilidade



Fonte: Autoria própria.

198

No segundo trecho da avenida, os pré-requisitos de acessibilidade são atendidos de forma mais significativa apenas no lado da ciclofaixa, onde há maior fluxo de pedestres praticando atividades físicas. No entanto, mesmo com essas melhorias, a via ainda não atende integralmente às regulamentações estabelecidas pelas normas vigentes.

Ao longo desse trecho, observam-se diversas irregularidades na calçada situada às margens do rio, como falhas no piso intertravado, blocos quebrados, desniveis acentuados sem a devida sinalização e a presença de buracos. Além disso, há rampas com inclinações irregulares, sem o devido destaque a seu desnível e a completa falta de piso tátil, comprometendo a acessibilidade e a segurança dos pedestres.

Por outro lado, a calçada apresenta condições tão precárias quanto à última seção do primeiro trecho, caracterizando-se pela escassez de faixa livre e rampas de acessibilidade, além da ausência total de calçamento em alguns pontos. Esse lado da avenida é predominantemente ocupado por estabelecimentos comerciais e espaços livres — áreas sem edificações —, o que resulta no uso frequente das calçadas como estacionamento.

Assim, é comum encontrar veículos estacionados tanto em frente aos espaços livres quanto nos acessos aos estabelecimentos. De modo geral, a maioria desses automóveis pertence a pessoas que utilizam a ciclofaixa ou frequentam o complexo esportivo da região.

Figura 5 — Diagnóstico Urbano: acessibilidade



Fonte: Autoria própria.

No terceiro trecho, as calçadas em ambos os lados da via continuam apresentando deficiências, embora existam e possuam um tamanho adequado. A primeira rampa de acessibilidade, localizada na faixa de pedestres que dá acesso ao shopping Riverside, está bem posicionada. No entanto, no lado direito da via, próximo ao rio e ao shopping das Flores, a qualidade da calçada se deteriora significativamente.

A área destinada à circulação de pedestres diminui consideravelmente, e diversos obstáculos comprometem a mobilidade, especialmente para pessoas com mobilidade reduzida. Muitos lojistas ocupam o espaço da calçada, expondo seus produtos, e em alguns casos, utilizam gramas para delimitar seus quiosques, o que prejudica a passagem dos pedestres.

Por outro lado, no lado esquerdo da via, a calçada segue, em grande parte, as recomendações das normas técnicas, apresentando uma faixa livre ampla e um piso intertravado regular, sem grandes trepidações. Este trecho mantém um bom estado de conservação até a Ponte Juscelino Kubitschek, proporcionando uma circulação mais confortável e acessível para os pedestres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação entre espaço, sociedade e arquitetura é dinâmica e essencial para o desenvolvimento humano. O presente artigo analisou a relação entre espaço, sociedade e arquitetura, destacando a influência do meio urbano na dinâmica social e na configuração espacial das cidades. A arquitetura não apenas reflete os valores de uma sociedade, mas também pode transformá-la ao criar espaços que promovam inclusão, sustentabilidade e qualidade de vida.

Ao longo da pesquisa, verificamos que a arquitetura não é apenas um elemento estético ou funcional, mas um fator essencial na construção de identidades, na promoção da inclusão social e na melhoria da qualidade de vida urbana.

O estudo da Avenida Raul Lopes, em Teresina, Piauí, permitiu compreender como os espaços públicos são apropriados pelos cidadãos e como as intervenções urbanísticas podem influenciar o uso do espaço. Observamos que a mobilidade, a acessibilidade e o paisagismo desempenham papel fundamental na formação de um ambiente urbano mais humanizado e equitativo.

Por fim, este estudo contribui para a discussão sobre a necessidade de planejamentos urbanos mais participativos e sensíveis às demandas da população. Esperamos que futuras pesquisas possam aprofundar as questões abordadas e fornecer subsídios para políticas públicas que promovam cidades mais inclusivas e sustentáveis.

200

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. Territorialidades, desterritorialidades, novas territorialidades: os limites do poder nacional e do poder local. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.). **Território, globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1998. p. 213-220.

ASCHER, F. **Os novos princípios do urbanismo**. São Paulo: Romano Guerra, 2010.

GOMES, A. D.; LETTICIA, D.; MACHADO, A. A Avenida Raul Lopes, em Teresina, Piauí, e a Territorialidade à Raiz da Sociologia Urbana. In: **Anais do 1º Congresso Internacional Ciência e Sociedade**, 2023, Teresina. Anais eletrônicos..., Galoá, 2023. Disponível em: <https://proceedings.science/cics-2023/trabalhos/a-avenida-raul-lopes-em-teresina-piaui-e-a-territorialidade-a-raiz-da-sociologia-2?lang=pt-br> Acesso em: 04 mar. 2025.

HAESBAERT, R. Des-caminhos e perspectivas do território. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento: diferentes abordagens**. Francisco Beltrão: UNIOESTE, 2004. p. 87-119.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, M.; BECKER, B. K. (Orgs.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial.** 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007. p. 43-71.

JACOBS, J. **Morte e vida de grandes cidades.** São Paulo: Martins Fontes, 2011.

LEITÃO, L.; LACERDA, N. **O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas.** Cad. Metrop., São Paulo, v. 18, n. 37, pp. 803-822, set/dez 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2236-9996.2016-3709>. Acesso em: 12 fev. 2025.

LYNCH, K. **A imagem da cidade.** Tradução de Maria Ignez Borges. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

MIRANDA, A.; MEDEIROS, S. B.; MATOS, K.; LOPES, W. Da estrada carroçável ao boulevard: a Avenida Frei Serafim como principal eixo viário da cidade de Teresina, Piauí, Brasil. In: **V Conferência Rede Lusófona de Morfologia Urbana**, 2016. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/350055473>. Acesso em: 18 fev. 2025

NAVARRETE, R. D. L. A Arquitetura na Perspectiva da Evolução do Espaço-Tempo. **Sociedade em Debate**, Pelotas, 4(2): 113-130, agosto/1998.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci: o espírito do lugar.** Tradução de José Carlos de Lima. São Paulo: Pioneira, 1989.